

## A representação e crítica da violência nas obras de Márcio Souza e Salomão Larêdo

*The representation and critic of violence in the books of Márcio Souza and Salomão Larêdo*

Erlândia Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo examinar o romance *Olho de Boto* (2015), de Salomão Larêdo, e a peça teatral *A paixão de Ajuricaba* (2005), de Márcio Souza, a fim de verificar como os temas da violência, do autoritarismo e da modernidade, neles, estão configurados. Nesse sentido, as experiências, o espírito e a sensibilidade moderna – sobre os quais nos falavam os críticos Marshall Berman (1982) e Anatol Rosenfeld (1996) – nos ajudarão a compreender as obras de Salomão Larêdo e de Márcio Souza. A partir de temas como holocausto dos índios, civilidade *versus* incivilidade, violência de gênero e modernidade. Em meio a outros aspectos simbólicos, nota-se a problemática em torno de imposições do autoritarismo e de outras importantes (e urgentes) discussões do nosso tempo moderno.

**Palavras-chave:** Modernidade; *Olho de Boto*; *A paixão de Ajuricaba*; violência; autoritarismo.

**Abstract:** The present work aims to examine the novel *Olho de Boto* (2015), by Salomão Larêdo, as well the theatrical play *A paixão de Ajuricaba* (2005), by Márcio Souza, with the aim to verify how the themes of violence, the authoritarianism and modernity are configured in them. In this sense, the experience, the spirit and the modern sensibility – of which spoke the critics Marshall Berman (1982) and Anatol Rosenfeld (1996) – will help us to comprehend the work of Salomão Larêdo and Márcio Souza. From themes such as the Brazilian Indian holocaust, civility versus incivility, we perceive the problematic surrounding the impositions from the authoritarianism and from other important (and urgent) discussions of our modern age.

**Keywords:** Modernity; *Olho de boto*; *A paixão de Ajuricaba*; violence; authoritarianism.

### Introdução

Este artigo tem como discussão principal as representações e críticas da violência, modernidade e autoritarismo que permeiam as obras *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo, e *A paixão de Ajuricaba*, de Márcio Souza. Sendo *Olho de Boto* escrito em 2015, mas ambientado no período da ditadura militar, e *A Paixão de Ajuricaba* redigido no período militar, mas ambientado no período colonial.

No que diz respeito ao romance do autor paraense Salomão Larêdo, chamado *Olho de boto* (2015), a partir da análise, conseguimos captar aspectos muito importantes dentro da nossa tríade de pesquisa. A configuração da violência se desenvolve de variadas formas dentro da narrativa, através de um

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (MEL-UNIR).

texto descritivo, direto e forte, não poupando o leitor das mais diferentes formas de violência existentes. A composição do texto, cheio de fragmentos e que brinca com a questão temporal e espacial, já indica a narrativa escrita nos moldes de um romance moderno, além de também ser composto pelos preceitos do “caos da modernidade”, sobretudo, com o advento das múltiplas narrativas multifacetadas que o autor nos traz.

Por sua vez, a segunda obra, *A paixão de Ajuricaba* (2005), peça teatral do autor Márcio Souza, também indica importantes manifestações de inconformidade com a violência, tratando nesse caso do holocausto dos índios, realizado pelos portugueses, especificamente, da batalha entre os indígenas e europeus travada no século XVIII. A partir da análise teórica estudada, constatamos que a peça pode ser considerada como uma tragédia moderna, na qual transgredir a ideia da utilização de falas do teatro tradicional, adicionando em sua composição descrições cenográficas que também dialogam com o leitor. Além disso, o sentimento de luta na peça é muito presente; a luta entre a civilidade *versus* a barbárie, a qual estaria mais apta ao poder e ao que se é possível fazer para adquirir tal domínio.

Com isso, nosso trabalho demonstra um diálogo entre as obras e as teorias estudadas para chegarmos a uma compreensão mais profunda dos textos em pauta. A reflexão e análise também foram partes importantes de nosso trabalho, já que, através dos textos lidos, conseguimos também repensar nossa própria realidade atual, em que a violência, somada aos aspectos da modernidade e aos símbolos da ditadura e autoritarismo que ainda carregamos hoje, trouxe uma visão mais clara do quanto é problemático estarmos nesse tempo e não nos darmos conta da sua engenhosidade e perigo, normalizando discursos de ódio e regredindo ao medo de outros tempos.

Desse modo, para a confecção desse estudo, lemos diversas teorias sobre a violência, com os importantes estudiosos do assunto, tais como Hannah Arendt e sua obra *Da violência* (2004); Jaime Ginzburg com *Literatura, violência e melancolia* (2013). Para a teoria da modernidade, utilizamos Marshall Berman com sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982). E, para as teorias dos gêneros literários, a respeito do Romance moderno e do Drama moderno, refletimos, respectivamente, sobre as teorias de Yves Stalloni, com sua obra *Os*

*gêneros literários* (2007), Anatol Rosenfeld, com *As reflexões do romance moderno* (1996), Peter Szondi, com *Teoria do drama moderno* (2001) e, por fim, Raymond Williams, com *Tragédia moderna* (2002).

O objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar de que modo a tríade entre violência, modernidade e autoritarismo estão configuradas nas obras *Olho de boto*, de Salomão Larêdo e *A paixão de Ajuricaba*, de Márcio Souza. Buscando também, nos próprios elementos textuais das obras estudadas, reflexões e sentidos questionadores que denotassem resistência à tríade observada em ambos os livros. Dessa forma, analisamos nas obras estudadas, de que modo estão desenvolvidos os questionamentos em torno da violência. Verificamos também como essas obras dialogam com as teorias da violência, modernidade e autoritarismo. E, por fim, descrevemos como os aspectos do romance moderno e do drama moderno estão presentes nessas produções artísticas e de que forma esses aspectos ajudam na interpretação, inconformidade e combate contra violência. Assim, análise literária e uma leitura que conceitue teoria e representação da violência estão sobrepostas, destacando, portanto, determinados níveis de interpretação.

Para o desenvolvimento deste trabalho, pautamo-nos no método crítico sociológico da literatura, em que aspectos do contexto fazem naturalmente parte da estrutura das obras estudadas, e não o contrário; contexto este de violência e do advento da modernidade, respectivamente. Dessa forma, tivemos como apoio metodológico a teoria do crítico literário Antonio Candido, que, em sua obra *Literatura e Sociedade*, nos traz a importância de estudarmos as obras literárias por esse viés:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas (estrutural e histórica); e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 1965, p. 13-14).

Assim, tanto os elementos internos da narrativa como personagens, enredo, tempo e espaço são tão importantes quanto o contexto que se encontra a obra. Primeiramente, o contexto sobrevive como um fator externo à obra, mas, em seguida, com a visão sociológica da literatura, parte desse contexto é representado diretamente pela sua estrutura, criando-se então uma nova perspectiva e fazendo, portanto, parte integrante do interno da obra literária. Assim, modernidade e violência fundem-se na estrutura da obra, e a obra, por sua vez, recria em si o contexto.

Além desse cuidado, para analisar as obras *Olho de Boto* e *A paixão de Ajuricaba*, também fizemos leituras que abarcassem as temáticas da violência, da modernidade e do autoritarismo, a fim de que conseguíssemos compreender os textos e analisá-los mais profundamente, verificando suas interações com o meio.

A partir dessas leituras, investigações e questionamentos, podemos construir esse trabalho, com a visão cada vez mais acertada de que as obras estudadas transgrediram no que diz respeito às críticas à violência que carregam em sua composição artística, rompendo e demonstrando força enquanto obras literárias escritas nesse meio.

### **Análise das obras**

Nas obras *A paixão de Ajuricaba* e *Olho de boto*, há mais proximidades além da tríade entre violência, modernidade e autoritarismo. Podemos analisar os tempos aos quais se referem cada obra. A peça teatral de Márcio Souza foi escrita e encenada em plena ditadura militar, e o conteúdo da obra abordava justamente o período colonial em que a violência era o próprio símbolo do poder. Assim, portugueses estariam no patamar de domínio enquanto os índios estariam no patamar de povos subalternos. Esse entendimento, porém, é combatido com a presença de Ajuricaba, que vai contra a subalternidade e prefere a morte a se render.

Esse viés questionador do texto, trazido à tona em plena ditadura militar, denunciava de alguma forma o próprio tempo em que se vivia, onde o poderio estaria nas mãos dos ditadores e o povo seria subalterno as suas ordens, o sentido questionador do personagem Ajuricaba era o mesmo de inconformidade

com a ditadura militar. O texto, por si só colocado em cena, já representava um combate a esse período autoritário. A obra *Olho de boto* também em sua narrativa traz tais perspectivas, já que no enredo o casamento homoafetivo entre dois índios ocorre nos tempos da ditadura militar, e assim o autor Salomão Larêdo, ao publicar tal obra em 2015, entendeu a urgência de tratar dessas questões na sociedade em que vivemos hoje, isto é, de intolerância, ignorância e violência para com a diversidade.

Além disso, as duas obras em questão trazem a imagem do índio, e, ao invés de colocá-lo apartado da sociedade, ou como personagem secundário das obras, dessa vez os mesmos são retomados e entendidos como protagonistas, que brigam por seu espaço de fala na sociedade.

Analisando o romance *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo e a peça teatral *A paixão de Ajuricaba*, de Márcio Souza, junto às teorias de seus respectivos gêneros literários, às teorias também da modernidade e sobretudo às teorias da violência, é possível construir uma reflexão do quanto as duas obras literárias estudadas estão situadas no meio dessa tríade e o quão importante são essas obras para termos uma visão crítica quanto ao que permeia a violência e suas variações, e o principal: o quão forte é o sentido questionador contra a violência que essas obras se propõem a tratar.

Ao verificarmos temáticas tão atuais em nossa sociedade, ao mesmo tempo, parecem-nos tão silenciadas, conforme Hannah Arendt nos lembra em seu livro *Da violência*:

Ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas, e à primeira vista é bastante surpreendente que a violência tão raramente tenha sido objeto de consideração. (ARENDR, 2004, p. 7).

A partir dessa constatação, fica bastante claro o quanto a temática da violência tem sido esquecida e, ao mesmo tempo, silenciada dentro dos mais variados âmbitos de pesquisas. Desse modo, é válido explicar que esse trabalho se pauta em variadas teorias para que consigamos compreender melhor a importância das obras que temos em mãos. Nesse sentido, cabe dizer que

seguimos também com a teoria sociológica da literatura, conforme nos diz Antonio Candido em *Crítica e Sociologia*:

É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como a chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, - e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem. (CANDIDO, 1965, p. 8-9).

Assim, a importância da relação da obra com o seu contexto, do qual nos fala Antônio Cândido nesse trecho, também se vê desenvolvida no decorrer deste artigo, no qual tenta-se contrastar as obras com o que vivemos atualmente, à luz das teorias estudadas.

### **Reflexões da violência e da modernidade em *Olho de boto***

A partir da análise inicial da obra *Olho de Boto*, do escritor paraense Salomão Larêdo, destacamos, na narrativa, o casamento homoafetivo entre as personagens Inajá e Inajacy, ocorrido em um vilarejo chamado Inacha, em Cametá, Pará, nos tempos da ditadura militar. No romance, tal feito não é bem aceito pela sociedade repressora da época (não muito diferente da nossa sociedade atual). Por isso, até o décimo quinto capítulo e último do livro, Inajá e Inajacy enfrentam julgamentos na delegacia de polícia da cidade e sofrem os mais diversos tipos de reações das pessoas que moram no vilarejo para conseguirem o direito de ficarem juntos como um casal. As reações dos moradores do vilarejo são de repúdio, por parte da maioria da população, e reações de empatia e defesa, por parte de alguns poucos.

O casamento entre Inajá e Inajacy é a história central da obra, porém, existem outras histórias que o narrador nos conta, mas sempre voltando ao desenrolar do casamento, como forma de amarrar os fios da trama. Mas o fato mais interessante é que o casamento é uma das narrativas que serve como mudança para as outras mais que o narrador nos conta. Como uma possibilidade

de transformar as outras histórias de violência relatadas, através do respeito e empatia entre as pessoas. Além disso, mesmo o texto sendo representado em meio à ditadura militar, o narrador cita as redes sociais e elementos contemporâneos, indicando uma crítica que alude aos tempos em que vivemos, de uma ditadura que ainda se encontra presente. Esse mosaico de histórias e a dimensão de tempo e de espaço que se contradiz, que o autor traz, junto à fragmentação desse texto, são características do romance moderno, onde se inverte a lógica de início, meio e fim da narrativa. Nesse sentido, em *Reflexões do romance moderno*, Anatol Rosenfeld diz que:

No romance do nosso século há uma modificação análoga à da pintura moderna, modificação que parece ser essencial à estrutura do modernismo. A eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, 'os relógios foram destruídos'. O romance nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro. (ROSENFELD, 1996, p. 80).

Desse modo, ao longo da obra de Salomão Larêdo verificamos muitas características que o permitiriam ser considerado como um romance moderno, em que os elementos literários não são fixos. Nesse sentido, a estrutura moderna da obra e os mundos fragmentados presentes nela denotam não só o tempo da modernidade, mas trazem também o contexto pelo qual a violência se instala. A ignorância, o preconceito, as informações atravessadas, o não entendimento do outro, do novo, todos esses elementos são brechas para que a violência seja posta em prática, mesmo nas nuances mais imperceptíveis até as mais explícitas.

Ainda dentro dos aspectos de elementos da narrativa é possível verificar que o narrador de *Olho de Boto* nos entrega um texto bastante descritivo sobre as situações vividas pelos vários personagens do vilarejo Inacha, assim como visualizamos no trecho a seguir:

Tremendo de medo, nu, o homem que era a noiva, é entregue à polícia. Ao redor do posto médico, na frente e atrás da igreja de São Benedito, na estrada da Aldeia, o povo se comprimia e apupava, a gritaria, imensa, comentários, berros, palavrões. A

liga das senhoras sai pela porta lateral da igreja, levando estandartes. Um dez senhoras, de véu na cabeça, se unem e formam o pelotão de abertura da marcha que segue em direção oposta ao povaréu que acompanha o desenrolar do caso dos noivos do Inacha. O locutor da rádio, posicionado na torre da igreja, aguarda a saída dos noivos. (LARÊDO, 2015, p. 35).

Nesse trecho, é possível verificar que o narrador não poupa o leitor do que ocorre descritivamente no texto. Dessa maneira, o narrador utiliza-se de um discurso que nos dá a sensação de humilhação (violência) pela qual o personagem Inajacy (noiva) está passando. Assim, nas teorias sobre a violência, o teórico Jaime Ginzburg reforça o que foi dito anteriormente:

Para estudar as relações entre violência e literatura, é muito importante o estudo de narradores. É necessário também analisar a construção do foco narrativo e observar o vocabulário adotado pelo narrador para descrever situações. (GINZBURG, 2012, p. 2).

Por assim dizer, fica claro o posicionamento do narrador em descrever as situações chegando o mais perto possível de uma realidade. Em outros trechos, o sujeito da enunciação utiliza o método narrativo descritivo em situações de violência explícita. Nesse momento, a narrativa traz variações da violência explícita sendo elas doméstica, sexual, psicológica, e algumas vezes chegando ao seu ponto máximo de morte, trazendo ao leitor um texto forte e cheio de críticas implícitas e explícitas, que chegam como um arrebatamento aos olhos de quem lê, como o trecho a seguir:

Duelo arreventou a cara do filho Clóviss, nove anos, quando viu o andar do menino que até então morara com a mãe em Viena e agora viera passear com o pai em Carnificina. Quando Agonila se aproximou e quis saber a razão, Duelo deu outra remada e mais um rabo-de-arraia no menino e respondeu: - Aprende a andar como homem, filho da puta! Clóviss se refugiou na casa do cachorro, um feroz animal que, por milagre, ficou cheirando o menino que se tremia todo. - Silêncio! Agora quem leva porrada na barriga é Agonila. - Não te mete. O filho não é teu! - Tu num precisa... - E o soco fez a mulher, grávida de três meses, desmaiar. Duelo passou a quebrar mais algumas cadeiras dentro da casa e a se justificar. Tem que ser macho, porra, macho. (LARÊDO, 2015, p. 141).

Aqui, o narrador, além de não poupar o leitor de uma descrição bruta e violenta, dá falas para o personagem violento em questão, demonstrando o quão fraco e ignorante é o discurso que se tem dentro do preconceito, no qual uma situação (ou um pensamento) é repassado e mantido e assim perpetuado para todo o sempre e quem esbarra no inverso disso é excluído, ou mesmo exterminado, como nos mostra o autor, porque a relação entre poder e violência é estreita e quem está com o poder acredita muitas vezes que o uso da violência lhe cabe.

Essa dura crítica, que Salomão Larêdo traz em *Olho de Boto*, é de grande importância, pois narra a truculência e o autoritarismo de forma crua, assim como lemos em notícias de jornais cotidianamente. Tudo isso faz com que o sentimento de humanização através da literatura, do qual Antonio Candido (1995) nos diz em seu ensaio *O direito à literatura*, seja aqui sentido mais intensamente, a partir do momento em que nos deparamos com uma “realidade” que não é apenas ficcional, e que diz respeito ao tempo em que estamos e o quanto precisamos ser leitores combativos, no sentido de entender o que se lê, sentir e se dar conta do quanto temos normalizado discursos pautados na ignorância. Esse sentimento também bastante discutido por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar* é assim traduzido:

Experimenta a vida metropolitana como “uma permanente colisão de grupos e conluios, um contínuo fluxo e refluxo de opiniões conflitivas. [...] Todos se colocam frequentemente em contradição consigo mesmos”, e “tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo”. Este é um mundo em que “o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm uma existência apenas local e limitada”. Uma infinidade de novas experiências se oferecem, mas quem quer que pretenda desfrutá-las “precisa ser mais flexível que Alcibiades, pronto a mudar seus princípios diante da platéia, a fim de reajustar seu espírito a cada passo”. (BERMAN, 1982, p. 27).

Nesse sentido, mesmo que na obra essas situações sejam violentas por si mesmas, elas entram no que Berman afirma “tudo é absurdo”, mas nada é chocante o suficiente, porque o público moderno se acostuma às mais diversas situações. Nesse caso, até as mais violentas que destoam da normalidade. Há um perigo nessa afirmação se pensarmos o quanto estamos vivendo em nossa

realidade tais circunstâncias. Por isso, a obra de Salomão Larêdo, que é tão recente, se encaixa no patamar de obras importantes a serem lidas nos tempos atuais, porque temas como a violência não precisam ser silenciados ou esquecidos como Hannah Arendt nos fala, mas sim discutidos e lembrados, para que sejam compreendidos os entre meios da mesma e como ela se dá, para que assim não sejam repetidos novos atos de violência e depois esquecidos, como tantas vezes assistimos em nossa sociedade.

### **Reflexões da violência e do drama moderno em *A paixão de Ajuricaba***

Em *A paixão de Ajuricaba*, peça teatral de Márcio Souza, temos o retrato da violência, da modernidade e do autoritarismo de formas bastante explícitas em seu texto. Essa tríade compõe a obra através de variados trechos, nos quais é perceptível o quanto o autoritarismo, a violência e o caos com o advento da modernidade se entrelaçam e fazem correspondências entre si.

A peça é composta por dois atos. No primeiro, temos o conflito entre o índio Ajuricaba e a índia Inhambu. Os dois são de tribos diferentes e inimigas, os Manau e os Xirianá. Ajuricaba é o guerreiro principal de sua tribo e a protege; o pai de Inhambu, Poararé, é o chefe da tribo dos Xirianá. Após um conflito entre as duas tribos, o índio Ajuricaba mata Poararé, pai de Inhambu. Inhambu é então levada então para a tribo Manau, mas resiste em ter qualquer aproximação com Ajuricaba. No decorrer dos diálogos e das cenas, é possível perceber que Ajuricaba precisava ter feito o que fez, e Inhambu com o tempo acaba por compreender a morte de seu pai. Com essa nova percepção, vem também o amor. Assim, Inhambu e Ajuricaba acabam se casando. No entre texto, há o genocídio dos índios, no qual os portugueses invadem a tribo dos Xirianá e querem invadir também as do Manau, porém a tribo Manau tem à frente Ajuricaba que recorre até os últimos recursos para não deixar que isso aconteça e ao mesmo tempo paga caro pelo preço de sua afronta.

A partir de tal trama, percebemos que a teoria do drama moderno cabe à peça de Márcio Souza, uma vez que, entre outras características, traz uma representação da violência de parte do massacre indígena e a transformação de Ajuricaba em mártir (mito) de seu povo, restabelecendo de uma forma moderna o sentido do trágico antigo.

Assim, a peça estudada, apesar de levar em sua composição alguns elementos da tragédia tradicional, não pode ser considerada como tal, já que há inovação em sua composição, como, por exemplo, em algumas passagens em que apenas a descrição de cenas já nos indica o que virá a seguir, sem que haja falas para isso. Ainda sobre os elementos da peça, podemos verificar que na própria construção do texto, conteúdo e forma se distanciam do drama tradicional. Nesse sentido, sobre o drama moderno Peter Szondi nos diz:

Desse modo, no entanto, é colocada já a possibilidade de que o enunciado do conteúdo entre em contradição com o da forma. Se, no caso da correspondência entre forma e conteúdo, a temática vinculada ao conteúdo opera, por assim dizer, no quadro do enunciado formal como uma problemática no interior de algo não problemático, surge a contradição quando o enunciado formal, estabelecido e não questionado, é posto em questão pelo conteúdo. Mas essa antinomia interna é a que permite problematizar historicamente uma forma poética, e o que aqui se apresenta é a tentativa de explicar as diversas formas da dramática moderna a partir da resolução dessas contradições. (SZONDI, 2001, p. 25-26).

Aqui podemos perceber que o drama moderno chama a outras possibilidades e novas formas para caracterizar o texto. Também é possível reconhecer o que nos falava Raymond Williams (2002, p.15) a respeito do trágico moderno, de que “nada impede que a situação de ameaça e falta de alternativas em que se encontra hoje a humanidade seja qualificada como trágica”, reconceituando, assim, o sentido clássico do trágico, tal como os gregos o conheciam. Desse modo, é perceptível também o quanto a peça está ligada ao advento da modernidade e das “tragicidades” da sociedade como consequência desse tempo, atrelado à urgência, ao caos e a situações absurdas.

A peça traz de uma forma bastante coesa reflexões críticas a respeito do genocídio dos índios, o que realça a discussão entre a dita “civilidade” que ainda vivemos atualmente. Nesse sentido, a representação da violência dentro do autoritarismo e de meios ditatoriais, no caso do genocídio dos índios, é assim traduzida na peça:

Vê, Inhambu, as mulheres cubéia apodrecendo de doenças do mundo. E seus antigos amantes destruídos pela aguardente. (Inhambu agora se colocou ao lado de Ajuricaba e observa consternada). Onde estão os heróis muhra? Setenta mil trucidados de um só golpe. Setenta mil orelhas salgadas aos pés do rei de Portugal. Vê, Inhambu, como os brancos não respeitam a floresta. (SOUZA, 2005, p. 38).

Com esse trecho, é possível verificar os diferentes níveis da violência, os abusos sofridos pelas índias adoentadas pelas “doenças do mundo”, trazidas pelos portugueses, os índios sendo arrastados pelo vício e sendo mortos pelos golpes dos portugueses. Todas essas atrocidades são também características da modernidade, o advento dela é o que traz a angústia desses povos, que ainda nos dias atuais não têm seu espaço de terra garantida. Tudo que ocorre através dessa violência relatada na obra se dá em nome de um domínio, de um lugar social mais alto, de um poderio.

Com tudo isso, a obra de Márcio Souza demonstra uma profunda reflexão e crítica não somente ao colonialismo, mas à colonialidade que ainda nos acompanha nos dias atuais, sendo o colonialismo entendido como o período histórico colonial antigo e o colonialismo um dos elementos do poder capitalista que ainda hoje vivenciamos, segundo Anibal Quijano (2005, p. 5). A obra nos revela o quanto o advento da modernidade, no seu sentido eurocêntrico, se pautou em ignorâncias (a de que havia povos superiores e povos inferiores) e sempre atrelada à busca do poder, a qualquer custo e não importando as consequências, mesmo que devastadoras. Assim, outro trecho bastante simbólico é o que Márcio Souza (2005, p. 42) nos traz com a seguinte reflexão: “Se um dia as armas fizerem a paz, nenhum momento de selvageria será lamentado. Se um dia lamentos incessantes da cobiça justificarem o avanço trôpego do progresso, Ajuricaba então será lembrado.” Aqui, o cerne do texto enquanto crítica da violência se lê perfeitamente, e há também uma forte crítica quanto ao progresso que não é pensado. Assim, Márcio Souza também inscreve seu nome dentro do âmbito literário que representa e ao mesmo tempo critica a violência e suas formas.

## Considerações finais

Existem vários aspectos, nas obras *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo e *A paixão de Ajuricaba*, de Márcio Souza, que tratam tanto da modernidade quanto da violência e que sintetizam um espaço e um tempo que também é o nosso.

Em *Olho de Boto*, a decisão de escrita de Salomão Larêdo poderia ter sido a de utilizar a escrita tradicional em sua narrativa, apesar do conteúdo ser desviante da tradição, porém toda a narrativa é fragmentada, acompanhando o espírito “modernizante”, do qual nos fala Marshall Berman, em que o processo exigido pela modernidade (ainda que a percepção seja outra, seja nova, seja angustiante) atinja o nosso universo de forma embriagante e voraz. Nesse sentido, a própria forma de escrita já nos revela sob qual ponto de vista a obra está estruturada, isto é, sob o mosaico de histórias aleatórias que é também parte conjunta da história central – o que nos permite uma compreensão mais ampla do que as personagens sofriam seja pela violência simbólica, seja pela violência explícita, aplicada pelo viés da humilhação e agressão, respectivamente.

Em *A paixão de Ajuricaba*, o autor Márcio Souza revela o lado do dito “selvagem” em contrapartida do “civilizado” e traz um discurso muito consciente de como se dão as relações de domínio e poder e o quão estreita é essa via para chegar à representação ampla da violência. A evolução ou a luta a favor de um progresso não pensado ou sistematizado também é alvo de críticas.

Assim, violência e modernidade dentro das obras de Salomão Larêdo e Márcio Souza não são termos dissociados, existem em si mesmas como pontos-chaves para alcançar sentimentos de indignação em seu leitor e variadas críticas contra a violência. A compreensão da “sensibilidade moderna”, também se emprega nesses meios onde a partir das turbulentas histórias de violência e lutas travadas temos o material de que é feita a modernidade.

Quanto à repressão, podemos pensar que ainda nos dias atuais temos resquícios da mesma. Por isso, as obras desses autores mostram os dois lados, o primeiro que poderia ser visto como os grupos de ódio, e o segundo como os

grupos de luta, dando uma visão panorâmica do momento de embates ao qual vivemos no passado e ainda hoje vivenciamos.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Da Violência*. Trad. Maria Cláudia Drummond Trindade. Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés & Ana Maria. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2012.
- LARÊDO, Salomão. *Olho de Boto*. São Paulo: Empíreo, 2015.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.
- ROSENFELD, Anatol. "Reflexões sobre o romance moderno". In:\_\_\_\_\_. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: I N L, 1996, pp. 75-97.
- SOUZA, Márcio. *A paixão de Ajuricaba*. Manaus: Editora Valer; Prefeitura de Manaus, 2005.
- STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Tradução e notas: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro; DIFEL, 2007.
- SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno*. Tradução: Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. Tradução: Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.